Como revelar o Deus desconhecido?

Modelos de querigma nos Atos dos Apóstolos

Um problema fundamental do querigma cristão – i. é, do primeiro anúncio do Evangelho, da Boa-Nova de Jesus Cristo – é levar os ouvintes a situar em sua visão do mundo e em suas expectativas pessoais o que é anunciado.

De algum modo, sempre, para compreender uma novidade, uma nova verdade, devemos situá-la em relação com o que já conhecemos. Tanto mais quando esta verdade não se apresenta como um mero conhecimento (uma informação científica ou técnica, por ex.), mas como uma verdade vital, que exige opções, escolhas, novas atitudes, com base num ato de fé na mensagem e, principalmente, no seu autor, o que comporta também um aspecto de risco, um "salto no escuro".

Como fazer, então, para apresentar Jesus de Nazaré – e apresentá-lo como Enviado de Deus e Salvador – a pessoas e grupos humanos que não o conhecem e até estavam pouco preparados para compreender tal realidade? É sabido que os judeus tinham um forte sentido da transcendência de Deus que lhes dificultava reconhecer a divindade de Cristo. De outro lado, os gregos poderiam até aceitar facilmente um herói, um semideus, mas nunca poderiam aceitar um deus crucificado, nem pensar em termos de "ressurreição da carne"!

Lucas, nos Atos dos Apóstolos, apresenta modelos de discursos querigmáticos que procuram responder às interrogações acima. Não queremos repetir aqui a demonstração de que os discursos dos Atos foram criados por Lucas (sem dúvida, com base na tradição eclesial) para servir como "modelos" ou como expressões típicas e exemplares da pregação cristã. Essa demonstração já foi feita por muitos exegetas (procuramos resumi-la no nº 3 de *Estudos Bíblicos* – cf. especialmente as páginas 46-54 e 80).

Examinaremos brevemente três desses discursos: At 13,16-41; 14,15-17; 17,22-31.

O ANÚNCIO AOS JUDEUS (At 13)

O discurso de At 13 é colocado no ambiente da sinagoga de Antioquia da Pisídia, onde Paulo se dirige aos judeus. O querigma não é mera informação nem apenas apelo emocional. Contém uma argumentação. A tese que Paulo pretende demonstrar está no v. 33: "Deus cumpriu a promessa feita a nossos pais, em nós, seus filhos".

A argumentação parte de algo que os judeus já conhecem e já ouviram muitas vezes nas leituras da sinagoga. É a história da salvação, resumida brevemente por Paulo, ressaltando:

- a eleição de Israel por parte de Deus (v. 17a);
- o crescimento deste povo no Egito (v. 17b);
- a libertação pelo "braço de Deus" (v. 17c);
- os cuidados de Deus nos quarenta anos do deserto (v. 18);
- a posse de Canaã (v. 19);
- os juízes (v. 20);
- os reis Saul e Davi (v. 21-22);
- a promessa de um Salvador, filho de Davi (v. 23).

A argumentação é completada por uma série de citações da Sagrada Escritura que mostram que Jesus, crucificado pelos chefes de Jerusalém (v. 27), foi ressuscitado por Deus conforme suas promessas (v. 33b-37).

Dessa forma, Paulo explicita – na história do povo judeu – uma expectativa que se volta para a figura de Cristo. Essa expectativa podia ser pouco visível antes. Agora que Cristo apareceu, revela também essa expectativa que se volta para ele. É como se antes existissem apenas pontos isolados. Agora estes são ligados por linhas ou traços que desenham uma figura. Antes, os judeus não enxergavam senão os pontos. Agora podem reconhecer a figura.

Aceitar o sentido do acontecimento Cristo não é automático. Não é uma conclusão necessária como a de um teorema de geometria, como nosso exemplo de pontos e linhas poderia sugerir. É a proposta de uma interpretação da história, que se transforma em interpelação para quem a compreende e exige aceitar Jesus como aquele que justifica (v. 38) em lugar da lei de Moisés. Isto implica em reorientar a vida, percebendo que no acontecimento da ressurreição de Jesus e da fé nele está em jogo algo inestimável e imperdível (v. 41).

A continuação do relato dos Atos (13,42-52), porém, mostra que o querigma de Paulo divide os ouvintes. Há algumas adesões iniciais entre os judeus, mas a maioria destes rejeita a mensagem do apóstolo. Ao contrário, muitos pagãos aderem. Lucas, simplificando e esquematizando a situação, vê nisso um exemplo típico da passagem da pregação cristã dos judeus para os pagãos (v. 46). O v. 47, com a citação de Is 49,6, tem um valor decisivo na estrutura da obra lucana e está relacionado tanto com a conclusão dos Atos (28,28) quanto com o início do Evangelho de Lucas (2,32).

Lucas não apresenta o anúncio de Jesus Cristo de modo triunfalista. O querigma não se impõe vitoriosamente, mas se afirma como "sinal de contradição" para "a queda e a elevação de muitos" (Lc 2,34).

O ANÚNCIO AOS CAMPONESES (At 14)

Imediatamente após o cap. 13, Paulo e Barnabé continuam a sua missão, dirigindo-se agora prevalentemente aos pagãos. Após Icônio, chegam a Listra, no interior da Licaônia. Depois de uma cura de um aleijado (At 14,8-10), os dois apóstolos são tomados por deuses e confundidos com Júpiter e Hermes. Recusando o sacrifício que a multidão e os sacerdotes pagãos queriam lhe oferecer, Paulo faz um discurso, que é um esboço de querigma aos pagãos (cf. At 14,15-17).

As circunstâncias sugerem a Paulo que, deixando toda "captatio benevolentiae" (i. é, a introdução do discurso, destinada a cativar a benevolência dos ouvintes), recuse o título que lhe é oferecido e anuncie a conversão ao "Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo que neles há" (v. 15). Em seguida, Paulo tenta convencer seus ouvintes a partir de uma experiência que bem conhecem como agricultores: "(Deus) nunca deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem e dispensando do céu as chuvas e as estações férteis, enchendo de alimento e de alegria os vossos corações" (v. 17).

O discurso é interrompido aqui. Nem ao anúncio de Jesus Cristo, Paulo chega neste momento. (Fica subentendido que, mais tarde, os que aceitarem o Deus único serão instruídos também sobre Jesus.) Para a nossa análise, interessa ressaltar duas coisas:

1) O fragmento de discurso de Paulo é, na realidade, uma das tantas amostras de discursos missionários que judeus e cristãos do século I dirigiam aos pagãos, procurando combater o politeísmo e a idolatria, e propondo a fé no Deus único, criador do universo (é o que veremos adiante, comentando o capítulo 17 dos Atos).

2) O discurso aproveita as circunstâncias, a situação (a oferta de um sacrifício pagão) e, sobretudo, não apela para o Antigo Testamento ou outra tradição religiosa, mas simplesmente para a experiência dos camponeses, que atribuem a Deus as boas (e más) colheitas. Esta experiência serve de base para levar os ouvintes mais adiante, reconhecendo que o Deus que envia sol e chuva é um só, é o Deus criador e providente, que cuida de todos os povos.

O DISCURSO AOS INTELECTUAIS (At 17)

Neste discurso (At 17,22-31), pronunciado no Areópago de Atenas, Paulo toma como ponto de partida a religiosidade dos atenienses. Seu discurso, segundo as regras da retórica clássica, inicia com uma "captatio benevolentiae", ou seja, com um elogio dos ouvintes destinado a obter a simpatia deles para com o orador. Paulo escolhe um fato determinado que chamou sua atenção e serve de introdução à argumentação dele. Em Atenas, viu um altar "Ao Deus desconhecido". (Os atenienses, prudentemente, não queriam ofender a ninguém, nem porventura a um deus que não conhecessem!) Este fato oferece a base para a tese de Paulo:

"Aquele que venerais sem conhecer,
é esse que vos anuncio" (v. 23).

Repare-se como essa tese é, no fundo, a tese fundamental de todo querigma cristão. O anúncio de Jesus Cristo é a revelação de alguém que toda

a humanidade espera, embora sem ter clara consciência disso. O querigma quer despertar essa consciência, quer ajudar a reconhecer uma expectativa profunda de Cristo que o Espírito de Deus já suscitou ou fez brotar no coração das pessoas.

O discurso de Paulo continua com uma demonstração da unicidade de Deus, bem articulada (v. 24-29). Na realidade, aqui Paulo (ou, mais exatamente, Lucas, autor dos Atos e redator deste discurso, que não coincide com a doutrina das cartas de Paulo) utiliza uma argumentação já desenvolvida por missionários e teólogos judeus e retomada pelos pregadores cristãos.

Existem ao menos vinte textos, semelhantes a At 17,24-29, de autores judeus ou cristãos, escritos logo antes ou logo depois dos Atos, contendo basicamente cinco temas:

1) Deus criador, Senhor do céu e da terra;	cf. At 17,24
2) que não tem necessidade de nada, mas do qual todos têm necessidade e que dá tudo a todos;	cf. At 17,25
3) que fez o céu e a terra, ordenando-a no espaço e no tempo;	cf. At 17,26
4) que não pode ser representado por estátuas de ouro, de prata etc.	cf. At 17,29
5)	cf. At 17,31

O último tema, o do juízo, só aparece em poucos textos. Os outros temas estão claramente repetidos em documentos como o Pseudo-Heráclito, o *Corpus Hermeticum*, o Pseudo-Sófocles, a Epístola de Aristéias, fragmentos de Aristóbulo e Arato, Flávio Josefo, Romance de Asenat, Oráculos Sibilinos, Primeira Carta de Clemente, Epístola a Diogneto, Constituições Apostólicas... (cf. a obra de V. GATTI na bibliografia).

Sabemos hoje que o discurso de At 17 não é o original de Paulo, mas fruto de um longo trabalho de redação e de preparação, através de textos principalmente judeus, que procuravam apresentar o monoteísmo aos gregos, entre os quais encontraram o apoio dos filósofos do "platonismo médio" e do estoicismo. Mas o conhecimento dos bastidores e dos antecedentes não nos impede de admirar a beleza deste discurso na formulação que recebeu aqui, no livro dos Atos.

O discurso, porém, continua além da demonstração do Deus único. Nos v. 30-31 entra propriamente o querigma, formulado como anúncio do perdão que Deus oferece como apelo à conversão antes do juízo e como apresentação de Jesus, o ressuscitado, como juiz.

A reação ao querigma, como já em At 13, divide os ouvintes: a maioria ri da ressurreição; alguns, contudo, "abraçaram a fé".

É inexato dizer – como fizeram alguns exegetas (inclusive o amigo José Luiz Gonzaga do Prado, neste número, retomando uma opinião de Carlos

Mesters, por sua vez baseada em B. Gärtner) – que o discurso de Atenas termina em fracasso! Também Jesus terminou crucificado e a semente que não morre não dá fruto! E não é certo que Paulo chegou a Corinto deprimido porque fracassou em Atenas (como se quer deduzir de 1Cor 2,3). É incorreto pular dos Atos para as Cartas de Paulo, porque é certo que o autor dos Atos não conhecia estas cartas nem estava corretamente informado de muitos pormenores da vida de Paulo. Certamente a conversão dos atenienses foi difícil (ainda no séc. VI havia filósofos pagãos ensinando em Atenas e Justiniano fechou suas escolas com um ato de força). Mas Lucas está apresentando o discurso de At 17 como modelo da pregação aos pagãos; não só o atribui ao mais bem-sucedido apóstolo dos gentios, Paulo, como também oferece-o como orientação aos pregadores de sua geração (anos 80 dC) e das seguintes.

A nossa própria geração, marcada atualmente por um redespertar da religiosidade e pelo diálogo do cristianismo com as outras tradições religiosas, pode se inspirar no discurso de Atenas. E é até de se estranhar que Santo Domingo tenha esquecido esse modelo de "inculturação"!

Na época de Lucas, a pregação do monoteísmo judaico no mundo helenista (veja, neste número, o artigo de L. Alanati) tinha atraído muitos pagãos ao redor das sinagogas, formando multidões de prosélitos e "tementes a Deus" (cf. At 2,10; 6,5; 13,43 – prosélitos; At 10,2.22; 13,16.26.43.50; 16,14; 17,4.17; 18,7 – tementes a Deus). E foi exatamente no meio destes "tementes a Deus", dessa franja do judaísmo formada de pagãos convertidos, mas muitas vezes receosos de romper totalmente com sua cultura e família de origem, que o cristianismo fez o maior número de convertidos no primeiro século.

CONSEQÜÊNCIAS PARA HOJE

Os três exemplos de querigma que consideramos (At 13; 14; 17) podem sugerir um grande número de orientações para o anúncio cristão na atualidade. Não pretendemos explicitá-las todas, nem sequer desenvolver com amplitude essas indicações, que exigiriam outro estudo. Mas podemos salientar as conseqüências mais evidentes e elementares:

– O querigma não é um anúncio intemporal do acontecimento Jesus Cristo, mas um anúncio ligado a uma *situação histórica* específica, que passa a fazer parte do anúncio, que é assumida *dentro* dele. A situação atual fará parte do querigma hoje (cf. Medellín. *Catequese,* 6).

– O querigma deve desvelar aos ouvintes algo que esperam sem sabê-lo. Para conduzir ao conhecimento do desconhecido é necessário pedagogicamente *partir do que é conhecido*. Os judeus conhecem o Antigo Testamento. O querigma dirigido a eles partirá do Antigo Testamento. Os camponeses (pagãos) conhecem as estações que favorecem as colheitas. O querigma dirigido a eles partirá daí, e não do Antigo Testamento. Os intelectuais de Atenas nunca ouviram falar em ressurreição e veneram muitos deuses. O querigma dirigido a eles procurará uma brecha em suas crenças: o reconhecimento de que pode existir um deus desconhecido. E é por aí que o querigma tenta se insinuar, usando também os argumentos da própria filosofia grega, que criticava a religião politeísta.

(Alguns acham que Paulo condena o uso da filosofia na pregação cristã: cf. 1Cor 2,1-5. Atos nos diz que devemos usar a filosofia para falar de Cristo aos

filósofos. Errado seria falar de filosofia aos camponeses ou reduzir à filosofia a mensagem de Cristo.)

O querigma de hoje não pode pressupor, em muitos dos nossos contemporâneos "secularizados", o conhecimento da Bíblia ou a fé na ressurreição. Deverá partir da visão de mundo das pessoas de hoje e dialogar com os pensadores contemporâneos.

– O querigma é, portanto, *diálogo*. Não é uma forma de comunicação numa direção só. Não admite a atitude de um anunciador que se crê dono de toda a verdade e só pretende propô-la ou impô-la ao outro. O anunciador é alguém que quer ajudar o outro a reconhecer o sentido da própria história, a descobrir uma expectativa e uma abertura a Cristo que já está nele. Ninguém pode se substituir ao ouvinte nesta reflexão sobre a experiência, neste esforço de escutar Deus que lhe fala na sua própria existência e, a partir daí, o capacita a compreender a Cristo (ou, eventualmente, a recusá-lo). Pressuposto desta atitude é a convicção de que Deus não está longe de cada um de nós e que suscita na humanidade uma procura de sua presença, mesmo que seja "às apalpadelas" (At 17,27).

– O querigma também exige, portanto, que o anunciador *escute* antes de falar. Escute a palavra de Deus, da qual é simples portador. Escute também a fala do outro, penetre em sua cultura, discirna suas expectativas. Escutando, aprende e descobre aspectos da ação de Deus que não tinha percebido, e assim é levado a compreender melhor a vontade do Pai e o Evangelho. O evangelizador se deixa evangelizar... Os textos de At 13, 14 e 17 não ressaltam particularmente esse último aspecto, mas deixam entrever o que Paulo fez magistralmente (cf. neste número o artigo de J. Luiz Gonzaga do Prado): "Fazer-se tudo para todos, para salvar a alguns" (1Cor 9,22), esforçar-se para entender os ouvintes, deixar-se questionar por eles, compreender a situação deles e a presença de Deus nas situações.

Esta aprendizagem pode exigir muito tempo... Não devemos nos deixar enganar aqui por uma leitura superficial dos Atos, pensando que Paulo – chegando num lugar – pudesse imediatamente compreender a situação e anunciar Jesus Cristo de forma adequada a ela. Na realidade, a inserção em certos ambientes culturalmente muito diferentes do ambiente de sua origem pode exigir do missionário um longo tempo. Antes de pregar Jesus Cristo, o evangelizador deve se tornar solidário de um povo, compreender sua cultura e sua religião, discernir os pontos de apoio para, a partir deles, anunciar Jesus Cristo de forma compreensível. (Os grandes missionários da China ou da Índia passaram a vida inteira fazendo isso.) Paulo podia compreender mais rapidamente e anunciar quase imediatamente Jesus Cristo nas cidades da Ásia e da Grécia, porque possuía um conhecimento excepcional tanto da cultura judaica e da Bíblia quanto da cultura helenista. Além disso, teve acolhida e foi aceito sobretudo pelos ouvintes mais preparados para entendê-lo: os pagãos que já se tinham aproximado do judaísmo e da lei de Moisés, aceitando o Deus de Israel. A conversão dos outros – tanto judeus tradicionais como pagãos sem noção do Deus único – se revelaria muito mais difícil. Hoje também não se deveriam alimentar ilusões (atribuindo-as, ou não, ao Espírito Santo) e dever-se-ia prever um anúncio cristão diversificado e devidamente preparado, especialmente junto às pessoas mais afastadas da fé cristã.

– Enfim, o evangelizador hoje *não se assustará* se seu anúncio não for recebido por todos, nem pela maioria. Já aconteceu com Paulo, Lucas e os primeiros missionários. Mas também não atribuirá a responsabilidade da recusa unicamente aos ouvintes. Talvez eles não tenham condições objetivas de compreender e acolher a mensagem evangélica. Talvez o próprio evangelizador não seja tão "transparente" à Palavra de Deus e ele mesmo se torne obstáculo e motivo de tropeço para os ouvintes.

Se hoje o anúncio de Cristo é urgente, não será multiplicando anúncios de má qualidade que a Palavra de Deus chegará a nossos contemporâneos. Só a autenticidade e a qualidade do anúncio (de que Atos oferecem alguns modelos) podem revelar o Deus desconhecido aos que ainda não o reconheceram.

BIBLIOGRAFIA

Sobre os Atos dos Apóstolos recomendamos o nº 3 de *Estudos Bíblicos*, publicado em 1984. Desde então a bibliografia em português aumentou:

FABRIS, Rinaldo, *Atos dos Apóstolos*, São Paulo, Paulinas, 1984, 172 p.

— *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Loyola, 1991, 470 p. (Ambas as obras são traduzidas do italiano. No volume da Loyola, p. 168-182, há um importante estudo dos discursos dos At como meio de evangelização.)

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*, 2 vol. Coleção Comentário Bíblico. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1988/1989, 196 e 214 p. respectivamente. (O comentário de At 17 está no vol. II, p. 73-85.)

SAOÛT, Yves. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Paulinas, 1991, 386 p. (Sobre os discursos missionários cf. p. 281-300.)

Ver também GATTI, Vincenzo. *Il discorso di Paolo ad Atene*. Bréscia, Paideia, 1982, 300 p. (Contém os textos da literatura antiga e judaica semelhantes a At 17.)

Alberto Antoniazzi
Caixa Postal 417
30161-970 Belo Horizonte, MG